

## ***Em busca do tempo perdido***<sup>1</sup>

A exposição *a line is a li e is alive*, de Joao Felino, é o resultado deliberado e organizado de construção de um percurso expositivo apresentado em três locais do museu, constituindo três núcleos distintos, no ultimo destes; no átrio, na escadaria junto ao retrato da Rainha D. Amélia e no corredor da zoologia. Joao Felino trabalha mais as metodologias de síntese do que metodologias exclusivas, o seu trabalho reflete um longo caminho na representação de coisas que existem ou que possam existir.

A peça *a line is a li e is alive* nesta sua configuração especifica a preto e amarelo, começou por ser apresentada no espaço da galeria, na *Cristina Guerra Contemporary Art*, posteriormente no contexto de uma feira de arte, de desenho, na *Drawing Room 2018*, na *SNBA*, e encerra agora este périplo de natureza semântica muito significativo, no átrio do *Museu Nacional de História Natural e da Ciência*, local onde outrora esteve o *Pêndulo de Foucault*, de 1992 a 2011. Com este trabalho Joao Felino pretende visitar o pêndulo, situá-lo no seu contexto de origem. É possível fazer o cruzamento entre a arte e a ciência, entre o passado e o presente, num mundo das representações. “Foi então que vi o Pêndulo. A esfera, móvel na extremidade de um longo fio fixado à abóbada do coro, descrevia suas amplas oscilações em isócrona majestade. Eu sabia — mas quem quer que o tivesse advertido no encanto daquele plácido respirar — que o período era regulado pela correlação entre a raiz quadrada do comprimento do fio e a do número  $\pi$ , o qual, embora irracional para as mentes sublunares, relaciona, por alguma razão divina, a circunferência ao diâmetro de todos os círculos possíveis — de modo que o oscilar de uma esfera de um polo a outro decorre de uma arcana conspiração entre a mais intemporal das medidas.”<sup>2</sup> A maneira como esta peça está instalada no espaço vai originar diferentes leituras, distanciamentos, mas ao mesmo tempo aproximações e como diz Joao Felino, “é o acto de desenhar uma linha no espaço.”

Joao Felino trabalha a representação, não relativamente a um referencial, mas a uma representação que já é imagem, como é o caso do trabalho *On(e) Painting (Heading to Ukraina)*, da série Amália, apresentado na escadaria junto ao retrato da Rainha D. Amélia. É a apropriação do que já é ícone em si, não só utiliza um objecto que já existe, mas uma imagem que já existe, é uma marca muito forte de apropriação no seu trabalho. O local escolhido é premeditado, o confronto, o encontro entre duas figuras da nossa História.

As obras que estão no corredor da zoologia, afastam-se da parede e vêm para o espaço, para o chão, percepção duma superfície cromática torna-se dinâmica e propicia a desconstrução da ideia de que a obra não ocupa um lugar específico, mas é substanciada de modo racional. “Quando as brumas de uma filosofia metafísico-mística conseguem tornar indistinguíveis todos os fenômenos estéticos, tem como consequência que eles não podem ser valorizados

---

<sup>1</sup> Título de um livro de Marcel Proust.

<sup>2</sup> Umberto Eco, in: *O Pêndulo de Foucault*, p.7.

uns aos outros em relação, porque cada um deles tornou-se inexplicável.”<sup>3</sup> A coerência e a lógica na ligação entre a literatura e a arte ou entre a imagem e o texto, está presente nestes trabalhos. “No homem não há uma solução de continuidade entre o ‘imaginário’ e o ‘simbólico’. Por consequência, o imaginário constitui o vínculo obrigatório pelo qual se forma qualquer representação humana”.<sup>4</sup> O conjunto de trabalhos *Bags* remete-nos para as malas de viagem que se diferenciavam por conterem pedaços de memórias dos lugares por onde viajaram. Essa apropriação, num contexto actual, foi substituída por sacos de *brands* de luxo, onde se criam associações e percursos paralelos de crítica consciente. O artista joga com o inesperado ao colocar os seus trabalhos no chão e não se limita ao espaço da parede no caso deste primeiro núcleo, problematizando assim o seu reconhecimento ora enquanto formas da pintura, ora da escultura.

Esta exposição enquadra-se na percepção materializada dos conteúdos metafóricos e na aplicação do seu imaginário, no seu elogio. “Uma mensagem portadora de um intento. O estilo, as figurações explícitas da mensagem podem ser perversas, podem visar subjugar ou arruinar o receptor. Podem proclamar directamente, como acontece em *Sade*, na pintura negra de Goya, na dança mortal de Artaud, a licença sombria do suicídio. Mas a sua pertinência para as questões e consequências de ordem ética só se torna com isso mais sensível. Só o lixo, o kitsch e os artefactos, os textos e a música produzidos exclusivamente com fins monetários ou de propaganda transcendem (transgridem) de facto a esfera da moral. São a pornografia da insignificância.”<sup>5</sup> Na exposição é valorizado o papel simbólico da representação como forma de Arte na sua dimensão de crítica social.

Sofia Marçal

### **Átrio**

João Felino; *a line is a li e is alive*; vinil sobre vara de pesca telescópica, Sert LX serie Xenon 4004; fibra fenólica; 4 metros de extensão total, 4 elementos de 1,15 metros quando fechada (totalmente estendida); 220 gr de peso total; preto e amarelo; linha de pesca e anzol; dimensões variáveis de acordo com o local; 2017.

### **Escadaria**

João Felino; *On(e) Painting (Heading to Ukraina)*; da serie *Amália*; impressão jacto de tinta sobre tela; 100 x 140 cm; 2022.

### **Corredor**

João Felino, *Bags*, autocolantes de viagem sobre sacos de compras, dimensões variáveis de acordo com o respectivo saco, 2022

João Felino, *da serie newspaper paintings*, acrílico sobre impressão jacto de tinta sobre tela, dimensões aproximadas 50 x 70 cm, variáveis de acordo com o formato do jornal, 1990 - 2020

João Felino; *On(e) Painting, da serie Amália*; impressão jacto de tinta sobre tela; dimensões aproximadas 50 x 70 cm, variáveis em de acordo com o formato do jornal; (1991-1993)-2022

---

<sup>3</sup> Friedrich Nietzsche, in: *Ilusão e verdade da História*, p.52.

<sup>4</sup> Gilbert Durand, in: *A imaginação simbólica*, 41.

<sup>5</sup> George Steiner, in: *Presenças Reais*, p.134.